

## AFINAL, POR QUE TANTA DIFICULDADE EM LEITURA?

Rafaela Nunhes Gregghi<sup>1</sup>  
Simone Camacho<sup>1</sup>  
Miguel Fecchio<sup>2</sup>

**RESUMO:** A preocupação por tentar desenvolver nos alunos o gosto pela leitura vem despertando o interesse não só de professores e estudiosos da área de linguagem, como também de psicólogos, sociólogos e educadores de todas as partes do mundo. A modernidade exige que um leitor eficiente ultrapasse os limites do campo visual e seja capaz de buscar no interior do texto informações que não estão nele explícitas, acionando mecanismos mentais de recuperação, de resgate de mensagens armazenadas na memória de longo prazo e que, associadas ao seu conhecimento de mundo, permitam-lhe interagir com o que foi lido a fim de haver uma comunicação eficaz. Pesquisas nessa área discutem a importância de se realizar uma leitura que vá além do alcance dos olhos. Muito mais que decifrar os códigos utilizados para a emissão de uma mensagem escrita, ler implica compreensão daquilo que ultrapassa os limites da simples decodificação. Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo realizar revisão bibliográfica das obras de alguns pesquisadores na tentativa de encontrar formas eficazes para professores que se sintam interessados em formar leitores para a vida inteira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura, compreensão, interpretação.

### Desvendando a Leitura

O baixo nível de compreensão leitora não se revela apenas na leitura de textos da disciplina de Língua Portuguesa, mas também em outras, pois todas demandam raciocínio, habilidade para o entendimento de idéias e, principalmente, conhecimentos prévios (FREIRE, 2001). Para que haja boa percepção leitora devem ser acionados mecanismos mentais de buscas, de resgate de informações alojadas na memória de longo prazo e colaboração de quem pratica o ato, como sendo alguém que realiza uma tarefa que exige treinamento e vontade. O ato de ler extrapola os limites do que está impresso e penetra um mundo de um sem-limite de conhecimentos que a todo instante estão disponíveis, mesmo longe do alcance de nossa capacidade intencional de busca de informações desejadas, no momento desejado. O sentido de um texto constrói-se, pois, a partir da capacidade que o leitor tem de compor idéias, de criar novos sentidos, de imaginar e até de fazer ligações inimagináveis, e que fluem como reação de busca e de produção de imagens. “Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas seqüências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor [...] Ler é, portanto, constituir e não reconstruir sentido” (GOULEMONT, 1996, p. 107).

Sabe-se que o que está além do alcance dos olhos, o que se esconde por trás das linhas, os conhecimentos prévios, enfim, são elementos necessários para a compreensão do texto, o que ultrapassa em muito, os limites da simples decodificação. O leitor não é mais um receptor passivo orientado pela ordem do texto, mas é capaz de construir sentido a partir da direção e elaboração de seu pensamento e a sua imagem de mundo.

Levando-se em consideração as quatro etapas do processo de leitura: decodificação, compreensão, interpretação e retenção (MENEGASSI, 1995, p. 86-89), e sabendo-se do valor de cada uma delas, verifica-se que, para que ocorra uma leitura eficiente, de acordo com os moldes atuais, a segunda etapa – compreensão – é indubitavelmente a de maior importância para que o leitor ultrapasse os limites do campo visual; ou seja, compreender um texto significa

apreender sua temática e seus tópicos principais, utilizando-se, para isso, de todos os conhecimentos prévios que lhe dizem respeito.

Até há algumas décadas, a leitura consistia no simples reconhecimento de letras, sílabas e palavras. As pessoas se preocupavam com uma boa pronúncia ao ler, bloqueando, muitas vezes, seu entendimento sobre o conteúdo adquirido, ou seja, não saindo da primeira etapa do processo de leitura, não iam muito além do domínio de pronúncia.

Realizando-se uma busca sobre os conceitos atuais de leitura, selecionam-se alguns: Ler, do latim *legere*, significa “percorrer com a vista (o que está escrito) proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as” (DICIONÁRIO AURÉLIO). “A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto” (PCN, 1998, p. 69).

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1991, p. 59).

Ainda, segundo Fulgêncio e Liberato (1998, p. 13), a leitura não é a simples decodificação do sinal gráfico que se aprende no início da alfabetização, mas uma compreensão de textos.

A partir dessas definições, percebe-se que a busca por uma leitura eficiente está sendo objeto de estudos realizados por muitos pesquisadores. Testes para avaliação da capacidade de entendimento de textos como o do PISA, por exemplo, provas de vestibular, testes seletivos, fazem parte de propostas que buscam avaliar e analisar a própria operação de ler que ultrapassa os limites da decifração lingüística, atingindo um campo semiótico amplo que não se esgota nas práticas escolares nem no ensino disciplinar da

<sup>1</sup>Graduanda do curso de Letras da Universidade Paranaense – campus de Cianorte

<sup>2</sup>Professor da Universidade Paranaense – campus de Cianorte – Mestre UFU – Doutor em Educação – UPAP

língua, mas que exigem a participação de um sujeito dotado de conhecimentos, capacidade de ligar fatos, decidir bem em suas escolhas.

Ter conhecimento prévio é, pois, fator de grande importância para uma boa compreensão leitora. É lançando mão dos conhecimentos que tem sobre determinado assunto que permitirá ao leitor fazer as inferências necessárias para relacionar as partes discretas de um texto num todo coerente. Em outras palavras, pode-se dizer que conhecimentos prévios são conhecimentos armazenados na memória do leitor que são recuperados durante o processo de compreensão de um texto, via inferenciação, e, em seguida, adicionados à informação textual.

Sendo a informação dos diversos níveis apenas em parte explicitada no texto, ficando a maior parte implícita, as inferências constituem estratégias cognitivas por meio das quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação veiculada pelo texto e levando em conta o contexto (em sentido amplo), constrói novas representações mentais e/ou estabelece uma ponte entre segmentos textuais, ou entre informação explícita e informação não explicitada no texto. (KOCH, 2000, p. 29-30).

#### **A formulação de hipóteses em leitura**

Kleiman (2002, p. 25), trata de outro ponto importante no processo de compreensão: a formulação de hipóteses. Ao formular hipóteses de leitura, o leitor passa a verificá-las numa atividade consciente e autocontrolada, para confirmar ou refutar com o autor. Assim, haverá modificações em seu conhecimento, através de acréscimos ou reduções às informações da memória.

Num contexto escolar, para compreender, o leitor precisará, primeiramente, integrar-se a uma atividade de pré-leitura. O educador deve ativar os conhecimentos prévios de seus alunos através de explicações sobre o que será lido; informações sobre o tipo de texto e os objetivos pretendidos; construção de textos mentais compartilhados; explicação sobre os complementos de um texto (superestrutura, título, ilustração, marcas gráficas); incentivo a exporem o que já sabem sobre o assunto.

Após isso, passará à leitura do texto em si, à construção da compreensão, pois o maior esforço compreensivo do leitor ocorre durante essa etapa. Por fim, deverá partir para uma pós-leitura, ou seja, formular uma macroestrutura, detectar os tópicos que ficarão retidos na memória de longo prazo, os quais poderão ser reutilizados posteriormente na compreensão de outros textos, através de inferências (SOLÉ, 1998).

O sentido da leitura vai do texto para o leitor. No entanto, é este quem deve extrair significado daquele, partindo, após isso, à atribuição desse significado, que dependerá da quantidade de conhecimentos de cada um. Por isso, um mesmo texto poderá despertar diferentes visões em cada leitor e em cada leitura. Contudo, é preciso notar que a compreensão ocorrerá se houver afinidade entre o texto e o leitor; este deve ter uma intenção de ler na busca de determinado objetivo (CALCIOLARI; MENEGASSI, 2002, p. 82).

#### **Leitura: do visual ao não-visual**

Pode-se dizer que a leitura vale-se da interação entre o que o leitor já conhece e o que ele retira do texto, isto é, o resultado entre informação visual e informação não-visual. A primeira, que não é suficiente para a leitura, deve ser colhida através dos olhos, a outra já está contida na mente, é o conhecimento prévio.

Segundo Smith (1999, p. 19-20), somente a informação visual não garante que a leitura seja estabelecida com sucesso. Cita, como exemplo, que, um enunciado em sueco, para um brasileiro, mesmo com o texto diante dos olhos, é difícil de ser entendido (a menos que se conheça sueco). O leitor precisa de mais recursos além do conhecimento da língua para a realização da leitura. Como afirmam Fulgêncio e Liberato: “É possível que um leitor não consiga ler um texto que, embora escrito em uma língua que ele domina, trate de um assunto sobre o qual ele não tem informações” (1998, p. 15). Então, verifica-se que, para a realização da leitura, são necessários vários elementos, inclusive conhecimentos existentes no interior do indivíduo.

Foucambert resume bem essa idéia: “Ler é explorar a escrita de uma maneira não-linear” (1994, p. 6). Smith vai mais além e conclui que certamente quanto mais informação não-visual o indivíduo possuir, menos informação visual ele necessitará (1999).

Dessa maneira, percebe-se que a complexidade da problemática que envolve os atos de leitura e escrita continua despertando o interesse de estudiosos em todo o mundo. A escola tem buscado meios de realizar seu papel de promotora e de transmissora de conhecimentos capazes de formar o cidadão para que atenda às demandas sociais e que interaja no mundo onde vive de maneira eficiente e prazerosa, embora, muitas vezes, ainda se apresente como atividade enfadonha que afasta o aprendiz. É por isso que conceitos de leitura e estratégias para conseguir arraigá-la às crianças não param de surgir.

#### **A leitura em dias atuais**

Ter habilidade para ler, em dias de hoje, significa muito mais que ser capaz de decodificar um texto. Espera-se de um leitor eficiente a competência de executar uma gama de tarefas utilizando diferentes tipos de texto que não se restrinjam a trechos de livros conhecidos e textos contínuos, mas abrangam listas, formulários, gráficos e diagramas, entre outras tipologias.

Os conhecimentos e habilidades em leitura demandados pelos testes de avaliação de competência leitora, como o do PISA 2000, por exemplo, requerem do participante, que, além de decodificar, seja capaz de estabelecer relações com o texto escrito, abrangendo processos de identificação de informações específicas, de compreensão, interpretação e reflexão.

Apesar de todo o esforço que os professores têm realizado, especialmente nas últimas décadas, visando à formação de leitores competentes, o maior sucesso ainda representa fracasso. A formação que o aprendiz de leitura está recebendo parece não estar sendo satisfatória, pois, quando em uma situação de leitura exige-se o uso de raciocínio mais complexo para a realização de tarefas, o aluno parece perder-se, muitas vezes não conseguindo entender sequer

enunciados, o que se infere pelo grande número de questões que não são respondidas nos testes a que são submetidos.

### CONCLUSÃO

Tudo o que o ser humano aprende, sistemática ou assistematicamente, servirá para a construção sentido em suas atividades do dia-a-dia. Para a leitura, os conhecimentos prévios são imprescindíveis para haver entendimento de textos. Para que se possa compreender, é necessário que o leitor interaja com o texto e seu autor. Dessa forma, recorre às próprias idéias, e, utilizando-se de seu repertório, é capaz de, através de inferências, conferir o que conhece sobre o assunto e criticar, concordar ou discordar do autor. Portanto, a leitura só desperta interesse quando interage com o leitor, quando faz sentido e traz conceitos que se articulam com as informações semânticas que já se tem.

Essa reflexão permite pensar que há necessidade de que as escolas repensem a formação de seus alunos no que concerne à atividade de leitura. E, para que isso ocorra, é necessário que o professor esteja suficientemente instrumentalizado, que esteja dotado de melhor embasamento teórico sobre como formar um aluno leitor e, acima de tudo, que esteja disposto a realizar mudanças em si mesmo e em sua prática pedagógica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTO (PISA). Programa Internacional de Avaliação de Alunos: relatório nacional. Brasília, 2001.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALCIOLARI, Â. C.; MENEGASSI, R. J. A leitura no vestibular: a primazia da compreensão legitimada na prova de Língua Portuguesa. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 24, n.1, p. 81-90, 2002.

FERREIRA, A.B.de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAMBERT, J. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se complementam. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FULGÊNCIO, L.; LIBERATO, Y. *Como facilitar a leitura*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

GOULEMONT, M. G. Da leitura como produção de sentido. In: CHARTIER, R. (Org.). *Práticas de leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor*: aspectos cognitivos da leitura. 8. ed. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LAJOLO, M. et al. *Leitura em crise na escola*: as alternativas do professor. 10. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

MENEGASSI, R. J. Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor. *Revista UNIMAR*, Maringá, v.17, n.1, p. 85-94, 1995.

SMITH, F. *Leitura significativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, [19-].